

PREGAÇÃO: PERFORMANCE E LITERATURA

Adelly Costantini

(Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO)

RESUMO: O ensaio relata a experiência da performance literária PREGAÇÃO, onde leitores voluntários ocuparam a praça General Osório, no Rio de Janeiro, lendo trechos de livros não religiosos em voz alta. Inspirada pela predominância da leitura da Bíblia em locais públicos, a autora, que é também artista da cena, idealizou um programa performativo para compartilhar narrativas literárias com o público urbano. Ao reunir 28 leitores com perfis variados, incluindo professores, artistas e bibliotecários, ela visava diversificar a experiência literária em espaços cotidianos, promovendo o encontro da literatura com a paisagem urbana. Neste ensaio, o leitor terá acesso ao processo criativo, à preparação e à execução do trabalho.

Palavras-chave: Estudos Literários, Performance, Leitura.

Como moradora do centro da cidade, sempre me chamou atenção a quantidade de pessoas (em geral, homens) lendo a bíblia em voz alta nas grandes praças urbanas. Gostava de imaginar que, ao invés dos sermões religiosos, essas pessoas poderiam estar lendo um Guimarães Rosa, Conceição Evaristo, Clarice Lispector ou tantos outros autores e autoras que escreveram outras palavras, outras histórias, outros mares. Gostava de me perguntar se essas autoras, ao escreverem, imaginavam que seus livros poderiam ser lidos também em voz alta.

Enquanto artista da cena, ao trabalhar em cidades ou bairros descentralizados ou menores, ainda recebo entre o público pessoas que nunca assistiram a uma peça de teatro, ou de circo. Entre elas, pessoas adultas que estão assistindo uma peça pela primeira vez. Muitas que não tiveram acesso, mas também muitas que nunca foram encorajadas, ou convidadas por ninguém a entrar em uma sala de teatro ou em uma lona de circo. Isso me faz esbarrar em outros pensamentos: E livros? Existem pessoas que nunca leram/ouviram uma boa história de um bom livro? Faço uma rápida pesquisa na internet e descubro que, no Brasil, no ano de 2020, os leitores constituíam apenas 52% de nossa população.

Minha cabeça trova: descubro também que a Bíblia é o livro mais lido no Brasil.¹ Penso em Chimamanda Ngozi Adiche e em seu livro *O perigo de uma história única*, onde lemos uma escritora nigeriana que, nas primeiras linhas do texto (transcrito de uma palestra), conta como, após só ter tido acesso a livros estrangeiros, conheceu histórias contadas por Chinua Achebe e Camara Laye:

¹ Segundo dados da mesma pesquisa acima: pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, realizada pelo Instituto Pró-Livro em parceria com o Itaú Cultural.

Eu amava aqueles livros americanos e britânicos que lia. Eles despertaram minha imaginação. Abriam mundos novos para mim, mas a consequência não prevista foi que eu não sabia que pessoas iguais a mim podiam existir na literatura. O que a descoberta de escritores africanos fez por mim foi isto: salvou-me de ter uma história única sobre o que são os livros (ADICHIE, 2009 p.07).

Então imagino: uma pessoa sai com um colega para passear, comprar pão para o café da manhã, ir à praia ou praticar exercício em um domingo de manhã. De repente, em sua caminhada, ouve uma frase solta: “(...)Babette entrou na sala de visitas, mais humilde ou submissa do que jamais viram, para pedir um favor. Rogava, disse, que a deixassem preparar um jantar (...)” (BLIXEN, 2012, p. 27). Mais adiante, uns sete passos, esse mesmo passante ouve outro trecho de outra história:

(...) Alguns anos depois, porém, fugira da casa de seu marido para ir viver com Okonkwo. Tudo isso acontecera há muito tempo. Agora Ekwefi era uma mulher de quarenta e cinco anos que sofrera muito na vida. Contudo, seu amor pelos torneios de luta livre persistia tão forte quanto trinta anos atrás (ACHEBE, 2009, p. 60).

Na próxima esquina, outro leitor: “E comia tanto e de tudo que logo engordou. Passava o dia cheirando as coisas: cachorro cheira as coisas para compreendê-las; eles não raciocinam muito, são guiados pelo amor do coração dos outros e deles mesmos” (LISPECTOR, 2022, p. 26). Dentre essas vozes, escutam-se os vendedores, os assuntos dos outros pedestres, timbres de celulares que tocam, freios de ônibus, mas, ainda assim, o caminhante começa a perceber que, de 10 em 10 metros, há uma pessoa de pé, com um livro na mão, lendo livros em voz alta.

Como a performance e a cena são minhas melhores formas de relação com o mundo, crio, a partir desta imaginação, um *programa performativo*. Uso este termo, me baseando no conceito criado por Eleonora Fabião:

Programa é motor de experimentação, porque *a prática do programa* cria corpo e relações entre corpos; deflagra negociações de pertencimento; ativa circulações afetivas impensáveis antes da formulação e execução do programa. Programa é motor de experimentação psicofísica e política. Ou, para citar palavra cara ao projeto político e teórico de Hanna Arendt, programas são **iniciativas** (FABIÃO, 2013, p.04).

O programa criado envolve:

- Ler livros diversos em voz alta na praça.
- Convocar mais de 20 leitores para a performance.
- Ler os livros ao mesmo tempo, em voz alta, em pontos espalhados no espaço urbano, pelo tempo que cada leitor achar necessário.
- Não ter valor simbólico religioso no livro.

- Levar a capa do livro em bom estado, e deixá-la sempre visível.

Primeiro, uma divagação, um exercício livre de imaginação de cenas possíveis para, em seguida, elencar possíveis conduções de acontecimentos e imagens. Por meio do programa performativo, podemos imaginar um trabalho performático. No entanto, quando iniciamos um trabalho, estamos diante da vida em si e das casualidades que ela pode promover. Enquanto performers, dispomos de nossos corpos para experimentar mudanças no cotidiano da cidade. Usamos o programa para realizar ações criadoras de diversas imagens e, sobre elas, não temos muito controle, especialmente quando parte do programa é convocar participantes voluntários. Sabemos o que começamos a criar, mas não sabemos o que será criado ao fim, pois envolvemos no trabalho a relação única de cada pessoa não apenas com a cidade, mas também com a literatura. Não temos apenas uma única pessoa no centro da praça com a Bíblia na mão, mas, em média, 30 pessoas em diversos pontos da praça, criando outras e outras imagens. Quais serão essas imagens? Onde se colocarão? Os passantes vão parar para ouvir? Vão perceber? Vão pegar livros para ler? E os participantes? Estarão seguros de si? Engajados?

Esta é, a meu ver, a força da performance: turbinar a relação do cidadão com a polis; do agente histórico com seu contexto; do vivente com o tempo, o espaço, o corpo, o outro, o consigo. Esta é a potência da performance: deshabituair, des-mecanizar, escovar à contra-pêlo (FABIÃO, 2008, p. 02).

A performance aconteceu na praça General Osório, no bairro de Ipanema. Era um domingo, dia em que a prefeitura do Rio de Janeiro promove a antiga Feira Hippie, bastante frequentada por moradores e turistas. A praça é também um local de trânsito da população que chega de metrô e caminha a pé em direção à praia. Consegui reunir 28 leitores por meio de formulários e divulgações pelo Instagram, rede de alunos e professores da UNIRIO, além de colegas de profissão (Artes Cênicas). Convidei dois parceiros para participar da curadoria de livros: Caio Riscado e Pituka Nirobe.² Além dos leitores, convoquei três tradutores de LIBRAS para interpretar as leituras enquanto elas aconteciam. Não queríamos salmos. Queríamos histórias de sertões, pensamentos íntimos, relatos nostálgicos, poesias,

² Caio Riscado é professor, diretor e performer. Pós-doutorando pelo programa de Pós-Graduação em Artes da Cena da UFRJ, membro fundador de MIÚDA, núcleo de pesquisa continuada em artes da cidade do Rio, e professore substituto do curso de Direção Teatral da UNIRIO.

Pituka Nirobe, quilombola da Ilha de Marambaia, é mestranda em Gestão de Projetos Culturais, Gestora de Museus, Bibliotecária da Biblioteca Municipal MISA/RJ, Escritora de Literatura Afro-Brasileira e Contadora de Histórias.

finais tristes ou inusitados. Eu imaginava leitores tímidos, sérios, vozes graves, alegres. Mas minha imaginação parava no ponto em que eu sabia que só a ação poderia me mostrar novas imagens.

Dentre os leitores e leitoras convocados para a performance, tínhamos de tudo um pouco: contadores de histórias, professores, donas de casa, estudantes de letras, artistas da cena, funcionários públicos, sindicalistas, bibliotecárias. Pessoas diversas de idades que variavam entre os 20 e os 67 anos, que possuíam, ao menos, uma coisa em comum: encantamento pelos livros. Além da disponibilidade e desejo, muitos dos participantes estavam inseguros com a exposição de ler em voz alta, ou receosos de serem abordados de forma inesperada pelos transeuntes, afinal, em uma cidade grande, estamos continuamente expostos ao imponderável. Enquanto performers, entendemos que, em nosso ofício, podemos ser atravessados pelas mais absurdas formas de interação quando estamos na rua. Conduzir um grupo de 30 pessoas nessa ação exigia uma preparação e uma flexibilização em relação àquilo que foi imaginado.

Iniciamos a jornada com um aquecimento vocal com o professor Pedro Lima, onde aprendemos técnicas musculares e posturais para trabalhar com o ar que saíria de nossos pulmões para pregar as histórias. Usamos nossa voz para nos comunicar, para recitar poesias ou cantarolar, porém, quando não está em ação, ela vive em sua morada silenciosa. “Somos artesãos do ar”, dizia Pedro aos participantes. O ar sai dos pulmões, que trabalham como um fole junto às costelas, passa pela região da garganta, com todas as tensões que trazemos da vida, e se transforma em voz, em prol de um desejo de se comunicar.

A voz jaz no silêncio; às vezes ela sai dele, e é como um nascimento. Ela emerge de seu silêncio matriarcal. Ora, neste silêncio ela amarra os laços com uma porção de realidades que escapam à nossa atenção despertada; ela assume os valores profundos, que vão em seguida, em todas as suas atividades, dar cor àquilo que, por seu intermédio, é dito ou cantado (ZUMTHOR, 2005, p. 63).

Na segunda etapa do aquecimento, facilitei um exercício simples, no qual todos começavam a ler seu livro para si, em silêncio, e em uma roda amorfa, até que, juntos e gradativamente, na mesma frequência, as vozes começam a aparecer e a ganhar volume. Sem que ninguém guie o grupo, a escuta e a presença ganham perspicácia. Temos 30 histórias lidas ao mesmo tempo. Os ouvidos alcançam aquilo que é possível. As vozes ganham confiança no coro. Os temas das histórias se misturam. E, nessa cadência, os participantes deveriam, juntos, permitir que as

vozes perdessem o volume até que, de forma uníssona, voltassem para o silêncio onde residem. Quando o exercício finaliza, a performance já começou sem que ninguém se desse conta. Uma vez que o corpo se coloca em estado de prontidão, não há início ou fim. Tudo é continuidade. A preparação é também performance.

Para usar da melhor potência dos participantes voluntários, forneci algumas variações ao programa: ler em duplas ou em trios, sussurrando, caminhando pela praça, para apenas um ouvinte, para uma árvore, de pé em um banco, em voz baixa, em voz alta, enfim, que lessem como se sentissem melhor.

As variações e/ou norteamientos elencados acima foram elaboradas *in loco*, para melhor acolher os *corpos-em-experiência* (FABIÃO, 2013), entendendo que, naquele contexto, o meu corpo, de condutora do grupo, era o que estava em maior estado de presença. A realização do programa contava com participantes voluntários, mas sua execução, em melhor grau, dependeria da minha condução e atenção.

Através da realização do programa, o performer suspende o que há de automatismo, hábito, mecânica, e passividade no ato de “pertencer” – pertencer ao mundo, pertencer ao mundo da arte e pertencer no mundo estritamente como “arte”. Um performer *resiste*, acima de tudo e antes de mais nada, ao torpor da aderência e do pertencimento passivos. Mas **adere**, acima de tudo e antes de mais nada, ao contexto material, social, político e histórico para a articulação de suas iniciativas performativas. Este *pertencer performativo* é ato tríptico: de mapeamento, de negociação e de reinvenção através do corpo-em-experiência. Reconhecimento, negociação e reinvenção não apenas do meio, nem apenas do performer, do espectador ou da arte, mas da noção mesma de pertencer como ato psicofísico, poético e político de aderência-resistência críticos (FABIÃO, 2013, p.05).

Nesse sentido, me coloquei como responsável para que cada participante pudesse pertencer, aderir e renegociar consigo mesmo e com o espaço, durante a execução da performance.

A performance teve 30 minutos de duração. Tivemos de Itamar Vieira Jr a Dostoiévski. George Orwell a Marilena Filinto. Vozes tímidas lendo *Amora*, de Natalia Borges Polesso, e vozes impostadas lendo Dante. Grupos de leitoras lendo para estudantes no trote da Universidade ou para trabalhadores na hora do almoço. Fernanda leu bem baixinho as cartas às filhas de Maya Angelou para uma senhora que devia ter a mesma idade da escritora quando publicou o livro. Diana, com as mãos, traduziu as histórias das travestis de Camila Sosa Villada, as ideias de Ailton Krenak para adiar o fim do mundo e *Solitária* de Eliana Alves. Letícia estava diante da saída do metrô, parada, lendo *Torto Arado*, como se fosse uma velha avó lendo

contos aos seus netos na sala de estar antes que dormissem. Tânia, mais performática, caminhava por entre as barracas da feira, lendo Manoel de Barros ao mesmo tempo que apertava o gatilho de uma potente arma de bolha de sabão. Joana, bem pertinho das pessoas que intercedia, lia com atenção a orelha de seu livro, pois era a parte com letras maiores e que conseguia ler com sua baixa visão. Bruna e Pituka leram seus próprios poemas. Tatiane e Felipe escolheram ler embaixo de árvores, compondo, no rabo de olho dos pedestres, aquelas conhecidas imagens de leitor solitário.

Do que foi, só podemos lembrar quem viu e quem viveu. Mas deixo aqui meu relato e um vídeo no QR-code abaixo para que vocês, leitores, possam ter um minuto com nossas palavras.

Imagens da performance:



Referências bibliográficas:

ACHEBE, Chinua. **O mundo se despedaça**. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BLIXEN, Karen. **A festa de Babette**. 1ª edição. São Paulo: Cosac Naify Portátil, 2012.

FABIÃO, Eleonora. Performance e teatro: poéticas e políticas da cena contemporânea. **Revista Sala Preta**, n.08, USP, p. 235-246, 2008.

FABIÃO, Eleonora. Programa Performativo: O corpo em experiência. **Revista do LUME**: Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Teatrais, n.4, UNICAMP, p. 1-11, 2013.

LISPECTOR, Clarice. **A mulher que matou os peixes**. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Rocco Pequenos Leitores, 2022.

ZUMTHOR, Paul. **Escritura e Nomadismo**: entrevistas e ensaios. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2005.